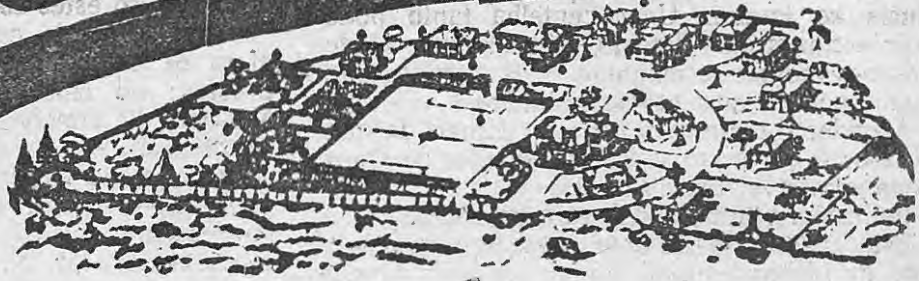


Justiça e ordem



Galato



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano V - N.º 15
Preço 1\$00

Redação, Administração e Propriedária — Casa do Galato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
5 de Fevereiro de 1949

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

A NOSSA TIPOGRAFIA

Atrazado . . . 42.030\$00

E também de Ermezinde. E de Alcobaça. E de Tolosa. E também de Lisboa. E' Uma. Uma que gostaria de ser como a Senhora dos bois. E outra vez da capital. E também esta carta. E' do Porto. Ora queiram lêr:

Deu-nos Deus uma filhinha e este é o primeiro tributo que ela paga aos seus irmoizinhos que não tiveram como ela a felicidade de nascer entre um pai e uma mãe que a amam e que lhe hão-de ensinar a «Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo».

E' para a tipografia. Os outros 50 já os entreguei numa igreja do Porto mas foi-me impossível dá-lo duma vez só.

Peça a Deus que nos conceda a graça de termos muitos filhos e de os sabermos educar segundo a doutrina de Jesus.

Assina *Uma pobre pecadora*. Vai nas fileiras da tipografia. E também da Murtosa; Uma. E também do Porto; Uma outra vez. Que é dos homens?! E outra vez de Lisboa, com pena de não poder dar cem mil vezes mais, enfileira-se Uma. Mulheres fortes! Mais. Ela acaba a carta desejando saude à Obra, a *Bem da Nação!* E outra vez Lisboa. E do Porto. E outra vez do Porto. E idem. E idem. E do Porto. E Uma do Porto a dizer que quer ter o direito de alinhar! Já se fala aqui em direitos!! Para onde irá esta coluna?! E um da mesma terra a dizer que não ficaria descansado se não fôsse na coluna. O' dos cinco mil; falai! falai todos assim. Que Deus vos tire o sono e o apetite, e que nesse tirar, dê a vontade de responder. A Mãe das Caldas, manda a segunda prestação,—20\$00. São contas que Ela fez e contas que Ela cumpre. Tira do que lhe faz falta, como vinha na carta original, aqui transcrita em o numero derradeiro.

E também de Coimbra; é Uma. E uma de Lisboa a dobrar. E de Vizeu. E de Oeiras, com imensa pena de não poder mandar mais. Todas as cartas dizem o mesmo, por outras palavras. E' musica. Das suas notas, se fazem variadas composições. E de Arazêde. E do Porto. E' uma. Ela diz assim: — *Não se canse de pedir, padre*. E eu assim faço. Assim o tenho feito. Há quinze anos que eu sou a voz. E o mundo começa a compreender a doçura escondida na obrigação de dar. Outra vez do Porto, o pequenino António também quer ser dos cinco mil. Infantes na coluna! E também de Lisboa. Ora escutem: *Fiz um apêlo dentro da minha casa, para o qual meu marido e filhinhos contribuíram*. Aquele diminutivo é da gramática do coração. Eles são filhos grandes. Já ganham o seu ordenado.

E do Porto, com todo o coração. A força. A força que transforma sem dominar. E de São Gonçalo de Amarante. E de Lisboa, um desconhecido, a triplicar. E da Figueira da Foz. E Lisboa. E Estoril. E Castelo Branco. E Um de Lisboa: *eu sempre defendi o dinheiro d'aqueles que o acusam*, e manda uma nota de 500\$. Eu cá também. *Aqui vai mais um dos cinco mil*; é de Lisboa. *Aí vão os 100\$ para a galeria*. E' Uma. E' de Braga. Também há gente que se propõe ver passar o cortejo, de galeria, e paga como se fôsse nêle! Sim senhor. Tudo se aceita.

O' que eu quero é pagar quanto antes o Senhor Rodrigues.

E também do Rocio—ao Sul do Tejo. E de Ilhavo. E' um Sacerdote. E da Serrinha. Não



Eis alguns dos habitantes do Lar do ex-Pupilo dos Reformatórios. Alguns. Eles são mais. Estão ali umas estrelas que se vão casar este ano: O Luiz. O Pimenta. O Zé Sá. O Mário. Et coetera.

E padrinhos ou madrinhas? Como seria interessante que alguém levantasse o dedo! Eu cá levanto já o meu a favor do Mário. Quero ser o padrinho e ajudá-lo, por amor da mãe dele, que foi minha. A Pobre mais pobre que naquele tempo eu visitava em Coimbra! O Mário era, então, de uns 8 anos. Ela queixava-se do filho: *Nunca me pára em casa*. Eu ouvia a queixa, em silencio. Se eu tapava o nariz com um lenço, nas horas que ali me detinha,—como esperar que o rapaz estivesse! Ele ou os outros irmãos. Tal casa! Tal doença! Era assim a vida dos Pobres. E' assim a vida dos Pobres. O Mal do mundo é este! Há dias apareceu aqui um sujeito, a dizer-se pai de dois dos nossos rapazes. Era, sim. Os rapazes o disseram. Quis levá-los por um dia: *Eu trágo-os amanhã*. Os dois irmãos esconderam-se para não ir! Dou-lhes inteira razão. O Pai mora na Banharia. Na rua da Banharia. Oh Casas! E' assim a vida dos Pobres! O Mal do mundo não é a fome nem a peste nem a guerra; é este!

Mas agora noto que estou divagando. O nosso caso é outro. Um padrinho. Uma madrinha de casamento. Estes rapazes precisam de tudo. Ele roupas. Ele calçado. Ele mobília. As noivas são como eles. E, é bom que sejam como eles. Assim se firma esta necessidade. Ora vamos a ver.

Assina. Não há nomes. Diz ser um assinante que não quer ficar de fora e eis. E mais uma Concelho de Penafiel. E' Uma. *Não pude dormir desde que o famoso falou na tipografia* diz ela. *Vivo do meu trabalho*, diz, ainda, a caridade vinha a nota de cem. Também não assina! Tanta coisa boa escondida na alma da Desconhecida! E' pobre. Doi-se pelo mal dos outros pontos de não dormir—enquanto não faz o Bem. Dá e esconde a mão. E tudo isto vai na coluna de conquista. Conquista de cristãos no mundo de *cristoizinhos*. Vem aqui uma carta dizer que também: *Também quero uma acção das que não procuram dividendo*. As cartas todos os dias são matiz. Porque são almas ditá-las, hão-de necessariamente ser desiguais cheias. Cheinhas. O numero d'elas, é verdadeiramente ministerial! Muito hão-de falar os empregados dos C. T. T.!

E também de Coimbra; é Uma. E Outra Anadia: *Quero ser dos cinco mil*. Como não há-de trasbordar o Senhor da ideia dos cinco mil. Que ansia pela chegada do Quinzenal! Pois não, se aqui vai um bocadinho do seu ser! Ele de Viana. Pelo menos reside ali. Viana do Castelo. De uma vez, recebi uma carta de um senhor daquela formosa terra, a chamar-me quantos nomes feios há debaixo do sol, e a mandar suspender o famoso. Hoje, vem-me a recompensa! E de Lisboa; é um Brigadeiro. Um Brigadeiro de Engenharia. Mas não haja medo. Nós somos Coluna dos pacíficos com Brigadesiros e tudo. E outra vez de Lisboa; mil. E uma Jicista de Lisboa. Uma Independente. E outra vez a Rainha do Tejo. E do Mogadouro. E de Aguiar da Beira; é um Sacerdote. E de Cervães, 20\$00 conta. *O resto irá a pouco e pouco*. Isto é que

Mais de Vila Nova do Ceira;—a demo, desta alegre contribuição, foi esperar um dinheiro magro que tinha.

Têm a palavra os Sacrificados. O mundo que presta, que sofre, que reza, que ama. Veja aquela alegre contribuição. Alegre! *Hilare datorem diligit Deus*. Alegria de dar, com Deus quer e ama. E da Figueira da Foz. E do Castelo Novo. E também de Espozende. E outra vez Lisboa. E de Arouca; é de 50\$00, mas vale como os outros. Aqui não há lugares reservados. E outra vez do Porto. E um senhor da Companhia Nacional de Pneus, que calça as nossas bicicletas e também quer ir na forma. Pois seja bem vindo E de Portimão. E de Portalegre. E outra vez de Viana. Viana do Castelo:—*Só agora faço por motivos alheios, que a minha vontade era ser dos primeiros*. Não importa tempo nem lugar. A vontade sim. Por ela, mais do que primeiros, são todos principais. Os Principais. Ma de Lisboa:—*Achei 20\$00*. *Aqui vão para tipografia*. Alto lá. Achou? Veja se encontra o dono. Se não encontrar, ficam para a tipografia Ainda Lisboa. E Chiado, que também fica em Lisboa. E de Medelim. E dentro de uma caixa de fósforos, pelo correio, 10 placas de dez escudo E' do Pároco do Ervedal da Beira; o P.º Abílio Sim senhor. Viva o Clero! E também do P.º J. Campos, de Felgueiras:—*Do pouco que tenho também quero dar um pouco*. Viva!

O Avelino está sempre aqui ao pé de mim

(Continua na 4.ª página)

AQUI, LISBOA!

As nossas contas!

Passou-se um ano depois que se acendeu o lume nesta Casa do Gaiato de Lisboa. Acender um lume novo é pôr em acção uma força cuja potência se ignora. Uma centelha tanto pode reduzir a cinzas uma floresta, destruir uma cidade como movimentar a máquina mais potente que alumia e aquece uma província inteira.

Acender o lume num novo lar é mais do que tudo isso: é pôr à prova o poder criador de Deus e a sua admirável Providência.

Foi assim o lume que acendemos aqui.

Esta chama ateadada pela caridade pegou-se à cidade de Lisboa e ateou já meio mundo. Quem pode calcular os milhares e milhares de boas vontades que aqui se aqueceram e desabrocharam até produzirem admiráveis frutos de vida eterna!...

Uma prova da última hora: um bilhete que acompanhava uma caixa de colheres: «Estas colheres são enviadas por uma Margarida de 4 anos menos dois meses, que pede ao Bucha para as não partir porque ela tem pouco dinheiro no seu mealheiro e não pode dar mais». Desde as colheres da pequenina, aos automóveis, aos 20 contos, aos 22 contos, aos cinquenta contos de outros grandes porque bons Senhores, quantos actos de generosidade e heroísmo até, este lume não despertou.

Bendito seja Deus, donde provém toda a bondade, porque é fogo e luz. Ele, a Caridade.

Propositadamente faço este relatório junto do fogão, para que a frieza dos números não gele. A volta dele vejo agora 54 crianças sem lar a aquecer-se e a chilriar de contentes. O último a chegar foi encontrado perdido na serra da Arrábida, por um trabalhador que reparava a estrada. E' dos caminhos. Não sabe onde nasceu, nem tem morada nenhuma. Andava com a mãe, que o abandonou, de terra em terra.

«Deixe-me ficar consigo, declarou ele ao homem que o veio trazer — se me apanham por aí matam-me». Deixemos então falar também os números. A Casa do Gaiato de Lisboa foi aberta a 26 de Dezembro de 1947 e inaugurada pelos dez fundadores, cinco de Coimbra e cinco do Porto, em 4 de Janeiro de 1948.

No livro das entradas, além dos dez fundadores registam-se quarenta e nove nomes. Juntando mais quatro rapazes de Paço de Sousa, temos sessenta e três entradas.

Há portanto nove rapazes que retiraram.

Dois eram dos fundadores que regressaram por conveniência de serviço às respectivas casas. Quatro foram retirados pela família e os três restantes fugiram. Um era anormal e foi recolhido para casa apropriada; os outros, eram de tão perto que, ora tinham um pé aqui, ora em casa — o que não lhes permitia beneficiar da vida da comunidade.

Podemos pois dar graças a Deus porque nenhum rapaz de Lisboa, para quem a casa foi fundada, se perdeu até agora.

Muitos, de facto, fugiram. Mas depois de sentirem o bem que perderam, regressaram para ficar de pedra e cal.

Estarão portanto todos salvos?

— Não temos a presunção de o afirmar. Nem Francisco de Assis se sentia seguro, mesmo depois de lho terem garantido. Temos porém sólidas esperanças em crer que nenhum virá a ser flagelo da sociedade, mesmo e sobretudo aqueles que passaram pela cadeia dezenas de vezes e faziam já parte de pequenas quadrilhas.

E' o progresso realizado por cada um deles no caminho da própria recuperação, que nos leva a bendizer os trabalhos e despesas feitas, e a pedir muito mais à cidade de Lisboa, no novo ano já começado.

Entramos agora no domínio das contas. Para nós é o que menos conta.

Pelas nossas mãos passaram até agora 620.950\$40. Seiscentos contos!

Se lhe juntarmos o valor de tantas coisas que nos deram, como: bois, sementes, automóvel, roupas, camas, rádio, mercearia, máquinas, etc., etc. temos realizado um capital superior a mil contos. Mil contos num ano!!

E se juntarmos ainda a tudo isto o valor real da quinta que o Sr. Cardeal ofereceu às crianças abandonadas de Lisboa — então o lume que aqui acendemos vale bem mais de três mil contos.

Três mil contos!!!

Há ano e meio a *Obra da Rua* não dispunha, nem sequer suspeitava de que viria a dispôr, de tão elevado capital, para acudir às crianças sem lar, da Capital.

E, se agora nos perguntarem donde veio tanto dinheiro — a resposta é bem difícil de dar. Mãos anónimas.

Nós não sabemos o nome de meia dúzia de benfeitores nossos. Se lho perguntarmos, eles não no-lo dizem.

Por isso estes contos têm dobrado valor.

No Montepio caíram, às migalhas, 45 contos afora os envelopes fechados e centenas de embrulhos; no cinema, 20 contos. No Diário de Notícias, 42 contos; dentro das igrejas cerca de 87 contos. Depois os visitantes, os vendedores do Gaiato, as cartas anónimas e assinaturas, os depósitos dos Empregados da Vacuum e mais generosos anónimos, no Banco E. S. completaram a conta. Os M. N. continuam desinteressados. Este desinteresse já vem daquele tempo em que um velho saloio (!) arrancava ao caderno dos seus netos uma folha de 35 linhas para redigir um officio ao Senhor Presidente do Conselho de então:

«Enquanto no resto do País e no estrangeiro se restauram os Monumentos Nacionais, aqui destrói-se um Monumento Nacional». A única voz de protesto que se levanta! Ainda há pouco, ao colocar a primeira pedra para a restauração, ele nos garantiu. «Há quarenta anos que vivo na esperança de ver esta casa restaurada. Sempre tive fé de chegar a esta hora».

E, para onde se escoaram os seiscentos contos?

Mais de quatrocentos vão gastos nas reparações de metade do palácio, na canalização da água, na tonelada e meia de sementes lançadas à terra, em obras de toda a espécie; cerca de cem contos foram para mobília, alfaias agrícolas, ferramenta para oficinas, etc.; o resto na alimentação.

Não podemos parar. Parar é morrer.

O Arquitecto tem entre mãos o estudo do Casal Agrícola que se vai principiar e a planta da futura aldeia.

Vinte e tantos operários trabalham na quinta nos esgotos e na reparação do resto do palácio e anexos, nas oficinas de serrelharia e carpintaria. Cincoenta rapazes espalhados por toda a quinta e nas obras trabalham também alegremente no que é seu.

Vamos para a frente com a nossa Pobreza. Fiquem embora para trás os M. N., os Bancos, os avaros e os derrotistas.

Precisamos para este ano de mil contos. Lisboa há-de no-los dar. Não podemos deixar apagar a lume!

Tojal, 13 de Janeiro de 1949.

PADRE ADRIANO.

(Continua na 3.ª página)

Do que nós necessitamos

Andamos há um rôr de tempo a pedir pano para lençoes, e hoje fazemos o mesmo pedido: *pano para lençoes*. Eu podia fazer como quando foi das toalhas; pedir um a cada um. Mas um lençol é coisa mais séria. Sente-se a falta d'ele. E' uma peça grande e cara. As classes remediadas, de onde saem os assinantes do *famoso*, não podem dispensar um lençol e levam até ao fio os que servem as camas.

As classes elevadas, nem todos leem estes jornais. Por isso, ficam as fábricas ou os armazens. Espero que elas ou eles me escutem e atendam. Mais um saco de figos da Régua. Mais ditos do Porto. Mais 150\$ do Porto. Mais cabedais entregues em o nosso Lar do Porto. Mais 190\$ de *uma creatura do genero humano*. Vinham dentro de uma carta muito extensa com ideias muito desencontradas. Uma espécie de tufão! Mais escovas de dentes. Uma dúzia d'elas. Sim senhor. Primeira resposta ao apêlo aqui feito. Mais roupas das Caldas: *é de creança saudável*.

A sigla da Caridade, Mais de Viana uma data de peugas. Oh dádiva! Mais um senhor a dar ordens para eu obter uma cabra em substituição da que morreu à do *feixe de lenha*. Executado. Custou 240\$00. Que o Mandante execute também. E' assim: Toma duas notas de 100\$ e duas de 20\$00, regista, põe um selo de vinte e cinco tostões se faz favor, mande pró correio e Deus acrescenta. Não é à do *feixe*. Esta fica como estava pobre e contente. E' mas é ao Senhor que dá o dinheiro. A esse é que Deus acrescenta. Ninguém duvide d'esta verdade eterna e por isso mesmo, escondida. As medidas de Deus, são profundas; não são de superfície. Os homens que as conhecem e executam, trabalham em profundidade. Ora bem.

As contas do ano que findou. Não é verdadeiramente um relatório. Não o poderíamos nunca fazer por falta de tempo e muitas vezes de disposição. As aflições interiores são matéria impiedante; e a nossa obra é toda feita de aflições interiores.

Mas podemos revelar. Dar algarismos consoante os temos de casa. Começemos por Miranda. Miranda é o berço. Foi ali que nasceu a Obra da Rua, aos sete dias andados do mês de Janeiro do ano de 1940.

Tem a palavra o P.º Manuel, visto ser ele quem risca e leva o ano inteiro a gemer por verba. Ora queiram ver.

Obras	282.367\$40
Alimentação.	161.719\$25
	444.086\$65

Contas certinhas. Unidades e suas frações! Podiam ser apresentadas no tribunal de contas. Teem lá aparecido outras menos exatas com cara de bem feitas.

Agora vem Paço de Sousa. A Lôba! Comer. Comer. Comer. Aqui risco eu, por força das circunstâncias. Esta casa abriu-se com cinco rapazes no primeiro quartel de 1943 e hoje é um mundo. E' um mundo visto de todo o mundo, — porque Deus o vê! Nada grande, sem este olhar. Ora vejam esta alfândega:

Obras	406.716\$00
Alimentação.	387.209\$00
	793.925\$00

Aqui está. Oitocentos contos.

Vamos agora ao Lar do Porto. Foi uma criação que imediatamente se seguiu à casa de Paço de Sousa. Impunha-se como um complemento directo. A casa de Paço de Sousa pedia um lar no Porto. Lá temos um rôr de rapazes. O Júlio é que fez as contas. Oçam-no:

Alimentação e outras despesas.	113.000\$00
---	-------------

Estamos agora às portas de Lisboa. E' o Tojal. A casa do Tojal. Ali é bastonário o P.º Adriano. Ele quer andar muito depressa. Há um ano e dias que a casa se abriu e os algarismos são de meter medo. Senão, veja-se:

Obras	538.646\$40
Alimentação.	82.304\$00
	620.950\$40

Mais de Loriga um cobertor de lã. Que bom! Há dias houve aqui um tribunal, por causa de certos da casa IV, acusados de retirarem para os d'eles, cobertores que iam buscar às camas de outros. Mal feito. Muito mal feito. A contrária é que seria uma acção cristã.

Mais de Coimbra escovas de dentes e pasta. Mais outra vez de Coimbra, *de uma promessa, para a vossa e já nossa obra*. Mais do Porto 200\$00. Mais duas notas de quinhentos de Lisboa. Mais alguém que disse *você não quer testamentos por isso tome lá*. Ora assim, sim. Mão viva a dar. Bens de mão morta, não são os nossos. Mais uma data de *Lusitos*, um rôr de números. Parente próximo do *Papagaio e Mosquito* e et coetera, ao que parece. Aqui vem dar tudo. Mais coisas e dinheiro no *Depósito*. Mais uma caixa de vinho fino de Anadia. Mais garrafas vazias da Fontela. Mais um fato. Um fato em bom uso. Quejeitão! Que revolução não fazem estes fatos aqui em casa! Há dias, mandei um para a oficina, com recado de o arranjar para um determinado rapaz. O António carpinteiro foi lá, viu o fato e nunca mais me largou. E pronto. Anda com o fato ó domingo. Como poderíamos nós vestir tantos, sem estas *revoluções*, — como?!

Mandem mais. Mais fatos usados. Não são cá precisos os da América, como vieram há tempos umas toneladas d'eles.

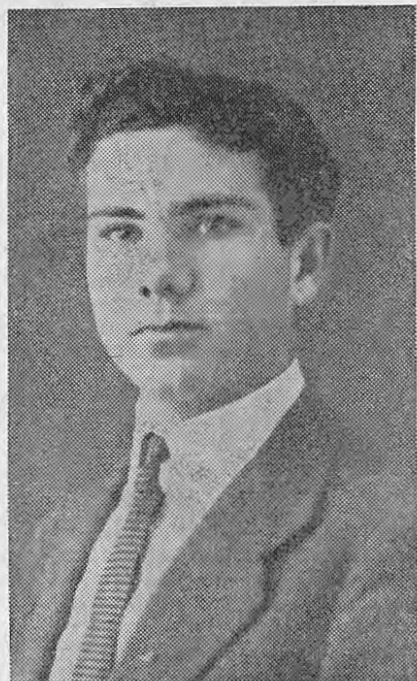
Mais o peditório na igreja do Santíssimo Sacramento; seis mil escudos. A missa das 10,30, prêguei um vagão de milho que nos deram. Disse que o dito milho se encontrava num armazem do Porto e que a gente o ia mandar buscar no dia seguinte. Um da assistência ouviu, acre-

(Continua na 3.ª página)

ELEIÇÕES



O Adriano de Tomar, reconduzido na chefia do Lar do Porto. Gabo o fotógrafo, por ser fiel.



Aqui está o Armando do Porto, chefe eleito da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Governa uma comunidade de cento e sessenta. Tirou o retrato em Penafiel e depois que viu o do Adriano na minha mão, fritou-me e tornou-me a fritar. Queria tirar outro no Porto, na mesma fotografia onde o Adriano tirou...



O Manuel de Leiria, chefe eleito da Casa do Gaiato de Lisboa. Não gabo o fotógrafo. O rapaz tem uma cara muito mais bonita.

São as nossas. As nossas eleições. Não confundir.

A primeira casa a escolher o seu chefe, foi a de Paço de Sousa. Elegeram o Armando do Porto. Maioria esmagadora.

Fernando de Tomar, apanhou alguns votos. Rio Tinto do Porto, também. Um outro que eu gostaria tivesse sido eleito não apanhou nenhum! No dia seguinte, perguntei na loja de barbeiro a causa. Respondeu o Moreira: Não apanhou nada porque se andava a armar para chefe. E pronto. Aqui se fazem e aqui se desfazem.

O Armando, está conosco há uns dois anos. Apareceu-me aqui, naquele tempo, na companhia de um seu irmãozinho, a pedir-me que tomasse eu conta deles. Depoimento breve: O Pai morrerá-lhes há tempos e agora fôra a vez da mãe. Não temos quem olhe por nós.

Era o Chefe! Quem tal dissera?!

O Armando tem família. Tias e cuido que também tios. Sim. Tem família. Porém, não apareceram no dia da orfandade. Quando o rapaz tiver posição e puder ajudar, então sim. Vem toda a família...

A segunda casa a escolher, foi o Lar do ex-Pupilo dos Reformatórios de Coimbra. Ficou o Herlander.

Houve o Luís. Houve o Eduardo. Ficou aquele por maioria. Ali foi um caso mais sério. São tudo homens. Trinta e cinco homens conscientes e inteligentes.

Depois vem o Tojal. Não se contava, mas a sorte caiu no Manuel. O Manuel Pedreiro. O cronista, fala do acontecimento, em outro lugar, aonde se colhem mais esclarecimentos. Veja-se Casa do Gaiato de Lisboa, mais adiante. O Manuel Pedreiro é de Leiria. Há mais

de três anos que ele é nosso, e foi um dos pioneiros do Tojal. Foi moço de cego. Corria fama que o seu patrão era mau e que lhe não dava o suficiente das esmolas que arranjavam. Mas foi se a ver e é justamente às avessas. O Manuel Pedreiro é que comia as esmolas ó patrão! Soube-se mais tarde.

Mas a gente não lhe diz nada. O que lá vai, lá vai. Hoje é o chefe eleito da comunidade do Tojal e eis tudo.

Por último, temos o Lar do Porto. A coisa esteve mal parada. Um empate! O Prata com nove votos e o Adriano, chefe cessante, com outros tantos. Pior. Aparece na urna uma abstenção!

Estava ali o abstencionista. Quem teria sido?

Fez-se uma pausa breve e silenciosa. Eu decidi: Torna a ficar o Adriano. O Adriano, dera boa prova. O Prata, daria ou não. Ele é bravo.

Ora eu quero aqui dizer uma coisa do Adriano, que me levou àquela resolução. Tenho visto. Sou testemunha:

Adriano chega de fora. Ele é empregado na Camisaria Confiança. O almoço é às 13 horas. Estão todos àquela hora. Que faz o chefe? Dirige-se à cozinha, põe um avental, toma as travessas e serve os seus companheiros! Eu nunca lhe disse nada, — Nunca. Ele é a fonte natural de onde brota aquela beleza. E' um chefe. Está tudo dito.

Adriano veio para nós muito pequenino. E' de Tomar. Que Deus o proteja por servir os seus irmãos. E que os Senhores da Camisaria Confiança o estimem.

O NOSSO JORNAL

Aqui há tempos, em Lisboa, ao descer o Chiado, fui acometido àquela hora por uma data de garotos e de garotas (!) que vendiam cada um o seu jornal. Era o *Ardina*. Era a *Vóz do catraio*. E o *Mãezinha*. Não me queixei do estôrvo. Não me podia queixar. A culpa é minha. Eu é que comecei o sarilho dos rafeiritos. E com este mesmo pensamento, ia sacudindo amigavelmente os garotos mal-las garotas: Já tenho.

Na sua classe, o nosso foi o primeiro e é o primeiro, creio eu. Não estou informado da tiragem e rendimentos de cada um dos supracitados e ainda de outros, noutras terras, também inspirados no *Famoso*. Não sei. Mas cuido que não erro se disser que é *O Gaiato* quem leva a camisola amarela.

Dá-se hoje nota do seu volume progressivo, e se algum dos da grei apitar, eu retiro imediatamente de cima dos ombros do nosso, o distintivo da vitória.

Ora queiram ter a bondade:—

Ano 1944	71.577\$00
Ano 1945	89.782\$00
Ano 1946	134.144\$00
Ano 1947	270.048\$90
Ano 1948	373.218\$00

Aquelas quantias são as que ficaram em caixa, deduzidas todas as despesas.

Estas, no ano que passou, foram um bocadito puxadas; o Avelino, desatou a mandar requisições ao Araújo e Sobrinho e quando eu dei por ela, já as cifras iam muito elevadas. Dei fé assim: Subia os Clerigos quando saía d'aquela estabelecimento o Cete, com um grande pacote debaixo do braço. Mandei entrar o rapaz e perguntei na loja o que era aquilo.

E' o Avelino. E' uma requisição do Avelino. Pedi o documento para examinar e lá vinha isto e mais isto e mais aquilo, mai-la assinatura do senhor Avelino! E pronto. Também se tem gasto

(Continua na 4.ª página)

Do que nós necessitamos

(Continuação da 2.ª página)

ditou e não ficou quieto não senhor. Deu 700\$ para ajuda do transporte e mandou uma camionete sua transportar parte do milho. Viva o Porto!

Poderá alguém supôr que um vagão de milho, não é matéria adequada aos pulpitos. Não é. Tão pouco uma tipografia. Não são, que eu retiro estas coisas do comércio, coloco-as inteiramente e exclusivamente ao serviço dos que precisam e faço doutrina,

Eu falei ao sabôr do povo, conquanto o auditório fôsse de senhores. O muito encerra o pouco. Se palavras eruditas, também as populares. Falei em carros. Carros de milho. Trinta dois carros d'ele! Tanto, que temos dividido com os pobres. Dar meia raza. Meia *razinha* como eles dizem. Pão quente, dia de festal Dividir, nas nossas contas, é multiplicar.

Mais do Estoril uma carapuçada de notas. Mais de Castelo Branco uma encomenda postal; coisas caseiras, que são justamente as mais deleitáveis: roupas limpas, carinhosas, bem dobradas; e também farinheiras. Oh delícia! Castelo Branco. Eu já pretendi meter ali nariz com o nosso documentário et coetera, mas deram-me nele para tráz. Que não. Não contém. Temos cá a nossa imprensa e as nossas obras.

Miopia. Miopia do espirito que é justamente a cegueira de quem tem olhos. Mais esta carta:

Não tendo podido contribuir com o meu óbulo quando do peditério que V. promoveu num dos últimos domingos na igreja das Carmelitas por não ter dinheiro de feição comigo nessa ocasião, muito me apraz enviar-lhe, incluso, a importância de 100\$00.

Nunca se viu tal! E' hoje doçura o que antes seria uma impertinência! As almas já se não compadecem; não sofrem o comodismo de deixar correr.

Compram um selo, escrevem as cartas, vão pôr no correio e mandam dinheiro. (E' a loucura!)

Senhor, eu quero beijar a terra. Só assim podem as almas sentir e amar as nossas obras, — tomando-as por Vossas!

As nossas contas

(Continuação da 2.ª página)

Por último e por derradeiro filho da Obra, temos o Lar do Gaiato de Coimbra. E' o P.º Manuel que dá as contas. Ele é uma grande frieira. Tenho noites que não durmo por causa dele. Outras, levo-as a sonhar com dinheiro... São as contas de Coimbra. Ele vai falar:

Alimentação e	
o mais	71.116\$65

E pronto. Cinco casas. Gastamos com elas na roda do ano dois mil e cem contos. Com pena de nós, vieram em nosso auxílio o Ministro das Obras Públicas com 300 contos, e o Ministro do Interior com 402 deles, e o Ministro das Colónias com 8 e o Ministro da Economia com uma penca-daria de sacos de milho, por duas vezes durante o ano e isto é que foi! Quando há pão quente, e é dia sim dia não, faz cobiça passar à porta da cosinha do fôrno! O cheirinho. O apetite. A certeza. Pão quente!

Pois com todos estes auxílios da Nação, nós tivemos que procurar à roda de 1.400 contos para fecharmos as contas do ano sem dever nada a ninguém.

Procuramos e encontramos. O segundo verbo é a resposta necessária ao primeiro. Tivéssemos nós cópia de alojamentos a pontos de dizer que sim a todos quantos nos buscam, que havíamos de encontrar muito mais; tudo quanto fosse preciso. Isto são contas. Não é a Nação pela mão dos seus Ministros. Não é o particular a pôr da sua algebeira. Nada disso. E' o rapaz da rua O abandonado. O que vem cá ter pelo seu pé Esse é que traz na mão o pão. Ora eis.

Os algarismos mai-lo tribunal de contas, são a expressão exacta e necessária da nossa ignorância das coisas eternas. Por isso mesmo os damos aqui, sim, mas eu cá não acredito. Não acredito neles. Não me fio neles. Pela Justiça imanante de Deus, operada na vida da criação que procura e não tem leite; por Ela, sim, é que nos vem tudo.

Ninguém equilibra o mundo com orçamentos O mundo das almas, digo. Ninguém. O fundamento é todo outro. Dar a cada um o que lhe pertence.

Isto é a Casa do Gaiato

HOJE descia eu à cozinha. Ainda era noite, mas o Botas já estava a dar as voltas para a refeição da manhã. Passo ali todos os dias àquela hora, em direcção à capela. Gosto daquela hora matutina e silenciosa, ao bruxolear. Gosto e preciso. A Fonte!

Mal tinha saído da cozinha, aí vem o Arouca dos porcos, acompanhado do seu irmão: *Nasceram quinze. Quinze.* E foi um retinir de novidades da boca dos dois irmãos, que tinham levado a noite inteira no curral, deitados num monte de palha, vigilantes.

CHEGARAM hoje aos meus ouvidos queixas dos da casa IV. Que tinham ido aos cobertores das camas e tirado fio para faniqueiras. O chefe pediu um tribunal severo e deu os nomes dos principais. Eu, porém, resolvi de outra maneira. Mandei comprar uma data de metros de baraca, cortaram-se faniqueiras dela e distribuíram-se por quem tinha mais necessidade e pronto. Não é por me gabar, mas acho que ninguém resolveria melhor. Agora é que os piões bailam e cantam. Faniqueirinhas novas. Tenho sido muitas vezes rogado: *ande cá.* E eu vou lá.

O António Moreira da Silva, fez hoje anos. Fez dezanove, pois veio a este mundo a 12 dias andados de Janeiro do ano de 1930, na freguesia de Arcozelo, tendo por mãe a senhora Rosa Moreira. Segredou-me a data de véspera. No domingo passado meteu um goal com tal acerto, que um visitante observou de longe, foi à beira dele e deu-lhe 20\$00. Eu antes queria que lhe tivesse dado somente um aperto de mão. O Moreira, quando não tem fregueses, toma a bicicleta de pau do Alfredo e dá voltas no campo, solenemente. Desde que, de uma vez, rachou a cabeça em dois sítios nunca mais andou nas outras. Mas verdadeiras. Nem parece Moreira!.. Não parece e cuido que volta a ser mas é *Piriquito!* Os rapazes não atinam de outra forma! Vamos a ver. Se algum dos nossos estimados leitores quiser ser gentil, eu já digo do que ele mais precisa e mais gosta: Piugas. Um parzinho de piugas berrantes. Dezanove anos! Eu vou dizer uma coisa; aqui em casa há uma tal fome de meias, que um dia destes, dando eu com o Abel no estandal da roupa sem fazer nada, quis saber. Ele é da rouparia.

—Que fazes tu aqui?

—Estou a guardar as meias!

Lá estavam duas grandes cordas e elas suspensas das ditas, ó sol. Perdem a cabeça por meias.

ENTREI hoje na redacção e contei oito dedos cheinhos de tinta. Cinco dedos da mão que escreve e três da que ajuda. Oito. Oito dedos. Eram do Alfredo! O Alfredo tem tarefa certa; é fazer as cintas dos assinantes prováveis. Ora eu tive há dias uma queixa. Repara-se que ele tenha posto tabela, de forma a encher umas tantas cintas por dia e adiante não passa. Venha quem vier. Aconteça o que acontecer. Alfredo chegou àquele número; ao número que ele sabe. Fecha o livro, arruma e vem até cá fora espalhar. Aquela tabela há-de dar para quinze dias. Ele há-de encher as horas úteis dos quinze dias com ela, e *nada mais.*

Escutei a queixa e guardei. Temos de tudo na aldeia. De tudo. Até aspirantes a um empregozinho público!

O Norberto, deu baixa à enfermaria com uma data de *creadelas.* Outros têm tido sorte idêntica. E' o tempo. E' o inverno. Vindo a Primavera, acabam os tormentos. Também se comunica que o *Molestia* aguarda o leite e está para estar. Ele é o *Molestia.* Já há três anos que perde o ano por faltas.

MAS o Armando é pior. Esse é um marmeleiro! Ele é um cordeiro para os pequenos, mas para os grandes, é um leão!

Eu sei que não está certo. Ele é o chefe. Chefe escolhido pela maioria. Ora os chefes, não podem usar de violência para os seus subordinados. Não podem. Não devem. E' um abuso do poder. Mas quê. Uns tantos dos grandes não votaram nele. Um destes, tomou à meza uma posição menos conveniente. Chefe interveio: *Não és mais que os outros!* E desde essa data, no seu posto de vigia às refeições, anda de marmeleiro! Eu cuido que é por pouco tempo. Eles jogam todos a bola no mesmo campo. Vivem na mesma aldeia.

Rezam na mesma capela, — e aqui é que está!

O que eu pretendo é que estas coisas se não venham a saber lá fora e, até, peço aqui aos meus leitores que não digam nada a ninguém. Seria o nosso descredito. Um chefe de cacete!

Que diriam de nós os Prefeitos de Disciplina das casas de Educação?!

HOJE de manhã, acabada que foi à missa, o Abel erruma, apaga a luz, fecha a porta e vai-se embora. Fiquei sózinho. O poder da oração!

Mal tinha cerrado os olhos, quando um dos mais pequenos entreabre, esprieta e vem até aonde eu estava. Olha. Não lhe sei o nome! Eu não sei o nome de muitos deles, aqui em casa. Se vamos a falar das outras, pior! Nós somos tão limitados; tão pobresinhos! Tão reduzida a nossa capacidade de conhecer!

O Conhecimento de Deus: Total! Universal! Eterno! A todos chama pelo seu nome. Também chama pelo teu...!

Ora vamos lá. O rapaz dá-me um recado: O *Zé da Lenha* quer que eu vá

ao hospital. *Venha já ao hospital.* Larguei imediatamente. Hospital casa de doentes.

Que será? Que teria acontecido? O pequenino mensageiro, parece ter adivinhado a minha aflicção e acode. *E' o café. E' o açúcar. O Zé da Lenha queixa-se de que o café dos doentes não leva açúcar.*

Já não fui ao hospital e mandei recado à queixosa que viesse ter à cozinha. Estavam os dois cozinheiros. Estava o Botas, ajudante. Estava o Norberto, refeiteiro dos grandes.

Estava o Barros, refeiteiro dos Batatas. Ai vem o *Zé da Lenha.* Traz na mão um pucaro de café com leite e dirige-se a mim: *Olhe que azedo.*

Palavra que dissestes, mundo que-lhe cai em cima! O primeiro foi o Norberto: *Deixe falar; dos grandes ninguém se queixou.* A seguir é o Barros: *Os Batatas também se não queixaram.* Agora é o Botas: *Ele é mas é um grande lambareiro.* E conta casos de quando esteve doente. Ele, Botas, ficava muitas vezes sem leite ou com este sem açúcar. *Ele é que lambe o açúcar.*

O *Zé da Lenha* tinha mui fraca defesa. Não porque o estivessem atacando na

maré, mas sim porque realmente êle tem sido apanhado a lamber.

Ele tem-me prometido que não torna, sim. Ele promete e naquele momento creio que é sincero e firme. Mas vem o açúcar e êle é docinho e não está ninguém a vêr...!

Eu tenho pena do *Zé da Lenha.* Nós todos, cada qual a seu modo, temos uma costela do *Zé da Lenha*...!

ONTEM à noite fiz uma descoberta. A gente vai descobrindo, à maneira que elas vão aparecendo, que esta é a natureza das coisas espontâneas. Foi na cozinha. Nós, à ceia, damos conduto somente aos mais fracos.

Não podemos dar a todos. Não temos meios. Os mais, a ceitam esta medida. Compreendem. Contentam-se com o caldo e o pão. Mas alguns tentam-se e os mais finórios, arranjam as coisas de tal forma, que se levantam da mesa num ai, e vão à ministra da cozinha chamar pelo Botas, com o prato na ponta dos dedos: *O' Botas!*

Ora êle é verdade que eu já tinha dado fé desta desordem há muito tempo. Muitas vezes, tinha visto braços estendidos e mãos ocupadas com pratos — *O' Bota.* Tinha visto, mas andava pra frente. Eu tenha que se um Pai de filhos não pode dar a cada um o que êle pede e precisa, deixa naturalmente arranjar-se cada um como puder, honestamente.

Ora nada mais de cente, do que pedir de comer — *O' Botas.* Por isso, resolveva calar-me até ao dia de me ser possível dar a todos.

E agora, é que vem a descoberta. Foi o Constantino. O Constantino, resolveu êle mesmo proceder à distribuição da comida. Ele é um dos cozinheiros. Coloca o tacho sobre um móxo e ao pé uma vara. Os serventes, recebem os pratos das mãos dele, e vão pelas mesas deixar no sítio dos contemplados. Muito bem. Mas se algum atrevido vem buscar por sua conta; muito mal. Em vez de prato, leva uma varada.

Crónica da Nossa Aldeia

por ALFREDO MARTINS

1 Já se andam a fazer as instalações para a máquina de fazer pano.

Já temos o motor e a máquina no seu devido sítio. Agora só falta ver a máquina a fazer pano.

2 Têm nos chegado alguns livros o que temos a agradecer pela amabilidade que tem tido para com nós visto nós pedirmos qualquer coisa e logo os senhores se aprontaram em nos mandar e por isso vamos dar uma nota dos livros que interessavam à nossa biblioteca visto chegar-nos livros que não no interessam. Em primeiro lugar interessam-nos todos os livros de Aventuras de Emilio Salgari e mais autores que eu não conheço da condessa de Ségur, e livros que sirvam para as nossas oficinas de sapateiro, alfaiate carpinteiro e sarralheiro e por último livros de Desportos e de Desenho.

3 Chegaram vinte mil quilos de milho de um vagom que estava no Porto. O milho veio em três camionetes uma das quais era muito grande. Já comemos borôa deste milho e é muito boa. É milho branquinho.

4 O Pai Américo mandou comprar trinta metros de faniqueira para os piões porque alguns dos nossos rapazes não tinham faniqueira e depois iam às camas e tiravam aos cobertores o fio para fazer faniqueiras.

5 Ainda ontem era uma grande algazarra atrás da cozinha. Eram cordões para botas em tal quantidade que mandaram dar cordões para fazer as vezes das faniqueiras visto as outras não chegar a meia missa e ainda assim nem todos têm faniqueiras.

O nosso jornal

(Continuação da 3.ª página)

muita tinta. Não é a escrever; é a sujar e a entornar.

O ordenado dos quatro escriturários, também faz diminuir a receita. E o decreto dos selos. E os telegramas e telefones para a casa Alvaréz e Consul Americano e Consul Britânico e Instituto Francéz e tudo o mais que diz respeito ao cinema; —também isto corre por conta do jornal. Depois o *Canto.* O *Cemitério.* Os *teimosinhos* que apostaram em ficar mortos.

Ora muito bem. Deixá-los. O que importa é o ano que começou. Este ano, tão novinho, e já com tanta coisa no ventre!..

Pois êste ano e nos primeiros dias d'êle gostaria que todos se explicassem, —*todos.* Vinte mil vezes! Se nenhuma destoar, oh que lindo orfeão! A cantar, podemos fazer mais casas, levantar novas aldeias, aturar mais rapazes, dar pão; —sempre mais e melhor. Ora vamos lá; umas pastilhinhas para engrossar a voz, todos muitos certinhos, e... vinte mil vezes cinquenta faz um milhão! Um milhão de escudos. Mil contos!

Vales para *Cête.* Não é Penafiel, nem Porto e Paço de Sousa, isso é que nunca. Paço de Sousa não paga vales. Os que vem assim, teem de ir á origem. Parece que as meninas do Correio deviam saber estas coisas e sabem, mas estão pensando noutras... Hoje mesmo veio um vale de Lisboa. *Lisboa Central,* pagavel em Paço de Sousa!

Também pode ser por um cheque, tratando-se de felizes que teem dinheiro nos Bancos. Também pode ser em notas dentro de uma carta e esta registada, por causa das moscas...

Podem, ainda, entregar aos vendedores; eles entregam. Ou deixar no *Depósito.* Ou dar a mim mesmo, em qualquer sítio que me toquem. Não é preciso falar. O nome, carteirinha e andar.

A melhor forma de um saber o que realmente tem, é pagar o que deve.

A nossa tipografia

(Continuação da 1.ª página)

enquanto abrimos o correio. *Ainda não arrefeceu,* disse-me êle hoje, no final da tarefa. Pois não. O arrefecimento é a morte. E alguém a valer por cem — cinco contos. *Estás a ver, Avelino?!* Não arrefece nada.

Ora vamos a traduzir:

Atrazado	42.000\$00
Hoje	13.000\$00
	55.000\$00

Faltam quatrocentos e quarenta e cinco contos de rei. Acionistas. Venham mais acionistas. Colocai o vosso dinheiro aonde *os ladrões* nem a *traça* possam ir. Imagens do Evangelho. Restias de luz num mundo às escuras.